

A IMAGEM TURCA NO OCIDENTE DURANTE O IMPÉRIO OTOMANO: FATOS HISTÓRICOS E CONOTAÇÕES ATUAIS

Ali Evler¹
Mehmet Toplu²

Introdução

Mais uma vez a história se repete quando nós ouvimos a notícia sobre o “açougueiro sérvio Ratko Miladic”, que assassinou milhares de bósnios, foi condenado por crimes de guerra, genocídio, crimes de guerra contra a humanidade e sentenciado a uma vida na prisão pelo Tribunal da ONU. No dia em que ele entrou em Srebrenica, ele disse odiosamente que, “Ele se vingaria dos muçulmanos” na Bósnia, referindo-se a eles como “turcos”. Como e onde toda essa narrativa de “vingança mútua entre cristãos e muçulmanos” começou na história? Quando estudamos sobre a “Imagem Turca” nas primeiras peças modernas na Inglaterra, foi como se fosse o mesmo ponto de partida de Linda MacJannet, quando ela quis escrever seu livro *The Sultan Speaks*. McJannet (2006, viii) nos relata no prefácio como e o porquê de ter começado a escrever o livro,

Enquanto eu estava lendo *The Courageous Turke*, uma peça universitária descrevendo a conquista da Bósnia-Herzegovina por Murad I. A peça dramatiza sua vitória no Kosovo em 1389 e seu subsequente assassinato por um soldado sérvio ferido, eventos aos quais Slobodan Milosevic frequentemente se referia em seus esforços para inflamar cristãos sérvios contra muçulmanos na antiga Iugoslávia. “Então,” eu exclamei para mim mesma,

¹ Professor da Hodja Ahmet Yassawi International Kazakh Turkish University, Cazaquistão.
E-mail: evleralii@gmail.com.

² Professor da Hodja Ahmet Yassawi International Kazakh Turkish University, Cazaquistão.
E-mail: mtopluo9@gmail.com.

“por isso que eles são muçulmanos!”. Aparentemente, a presença otomana na Europa Oriental não havia figurado nos meus estudos universitários sobre a história europeia, e eu suspeito que, para a maioria dos estudantes, a omissão não foi sanada até depois de 11 de Setembro de 2001, se é que de fato foi solucionada.

Ela também é “... atingida pelas similaridades entre a retórica marcial em narrativas e peças sobre os turcos quando o Presidente George W. Bush respondeu aos ataques do 11 de Setembro ao usar o termo “cruzada”. Assim, nós aparentemente lembramos do conflito que remonta ao tempo do Império Seljúcida e das Cruzadas por volta de 1071-1095 quando os turcos seljúcidas conquistaram a Síria e a Palestina, não surpreendentemente durante o governo muçulmano anterior, especialmente durante as dinastias Umayyad (650-750) e Abbasid (750-969) quando “existiam relativa paz e prosperidade na cidade”³. Tudo começou quando os turcos eram realmente considerados como uma ameaça à Istambul (Constantinopla) e à Europa em diante. A história se perpetuou uma vez mais sobre os turcos, especialmente em Jerusalém logo após a Primeira Guerra Mundial quando o Império Otomano gradualmente tornou-se o Estado do “Homem Doente da Europa”. Diversas regiões do Império Otomano, onde hoje é a Turquia, foram ocupadas pelos ocidentais: Istambul pela Inglaterra, o Sudeste pela França, o Sul pela Itália, o Oeste pela Grécia. McJannet (2006) faz referência a dois incidentes dramáticos logo no início do livro quando o presidente dos Estados Unidos, George W. Bush respondeu aos ataques do 11 de Setembro de 2001 ao usar o termo “cruzada”, e quando Rana Kabbani, autor de estudos sobre narrativas de viagens do século XIX afirmou que, “a Europa após as Cruzadas nunca sairia completamente do antagonismo [das] duas “Guerras Santas”. Ainda em 1920, ela relata que o general francês Gouraud, ao chegar na tumba do famoso líder sarraceno em Damasco, anunciou em exaltação, ‘Nous revoilà, Saladin!’” que em inglês significa “Saladin, nós estamos de volta”⁴. Estes dois incidentes notórios aparentemente provam a competição política e militar de longa data entre o Oriente e o Ocidente, contra muçulmanos, embora a Turquia não tenha relação com o incidente anterior.

3 Verbete disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/History_of_Jerusalem. Acesso em 22 nov. 2017.

4 Verbete disponível em: Barr, James. “General Gouraud: ‘Saladin, We’re Back!’ Did He Really Say It?”. Postado por Joshua na sexta-feira, 27 de maio de 2016. Disponível em: <http://www.joshualandis.com/blog/general-gouraud-saladin-back-really-say/>. Acesso em 22 nov. 2017

Uma Nova Chama no Conflito: Trump

O incidente político mais recente com o reconhecimento unilateral de Jerusalém como a capital de Israel por Trump inflamou mais uma vez, a competição, por dizer, “o Choque de Civilizações”. Tanto Trump quanto Netanyahu parecem ter ignorado o “diálogo interreligioso” e o resto do mundo que majoritariamente votou pela rejeição do reconhecimento unilateral de Jerusalém por Trump, em favor da Palestina na Assembleia Geral das Nações Unidas. Podemos justificar o que o governo dos Estados Unidos tem feito no Oriente Médio? A quem se deve culpar pelos contínuos ataques terroristas em diversas partes do mundo e a expansão de Israel nas terras palestinas no Oriente Médio? Desde que a história começou com Impérios Turcos como uma potência imperial forte representando o Islã e a entidade muçulmana, a Turquia, atualmente moderna e secular em diversos aspectos, tem um papel pivô para interferir e possivelmente ajudar a acabar com esse então chamado problema da “Cruz contra o Crescente” ao longo do tempo. Os Impérios Turcos na Ásia Central não eram um grande problema para os ocidentais. Eles estabeleceram diversos pequenos Estados, os quais se estabeleceram, ascenderam e decaíram no contexto geográfico da Ásia Central. Somente quando eles se expandiram para a Anatólia, Ásia Menor e tomaram o controle de Jerusalém, que os ocidentais começaram a percebê-los como uma ameaça e mais tarde, com a conquista de Istambul. Além dos europeus, até mesmo na América colonial, Ted Widmer (2010) escreve em seu artigo *The Founding Fathers Weren't Anti-Islam* para o Boston Globe:

Por que John Adams e um grupo de fazendeiros do vale do Connecticut teriam comprado cópias do Corão em 1806? Surpreendentemente, existia uma longa tradição de leitura das escrituras islâmicas pelos habitantes da Nova Inglaterra. O lendário Cotton Mather tinha seus defeitos, mas a falta de curiosidade sobre o mundo não foi uma delas. Mather prestou atenção cuidadosa ao Império Otomano em sua leitura voraz, e citou o Corão muitas vezes. Verdade, que muito do que foi falado foi em sua voz aguda, — ainda no século XVII, marinheiros da Nova Inglaterra estavam sendo sequestrados por piratas do Norte da África, uma fonte de incessante aborrecimento, e Mather denunciou os piratas como “turcos maometanos, mouros e demônios”. Mas ele admirava ensinamentos árabes e otomanos, e quando os turcos em Constantinopla e Esmirna tiveram êxito em inocular pacientes contra a varíola, ele liderou uma campanha para fazer o mesmo em Boston (uma campanha pela qual ele foi intensamente difamado por aqueles que chamavam a inoculação de “trabalho do Diabo”, apenas por causa de suas origens islâmicas). Foi um dos seus melhores momentos.

Com certeza, há mais do que isso na construção da nova América, uma nova nação e como deveriam viver no futuro. Por exemplo, na Constituição de Massachussets de 1780, com contribuições de John Adams, Theophilus Parsons (2010) um de seus elaboradores afirmou que:

Uma vez que os Fundadores deliberaram sobre quais tipos de pessoas deveriam habitar o novo e o desconhecido país que eles estavam criando, eles citaram muçulmanos como o extremo da estranheza, diante da qual seria importante se proteger no futuro. Talvez eles tenham sonhado, será que algum dia, um muçulmano ou um católico poderiam ser presidentes? Assim como sobre todas as outras questões, eles debateram muito sobre isso. Alguns desaprovaram, mas Richard Henry Lee insistiu que “a verdadeira liberdade envolve os maometanos e gentoos [hindus] assim como aqueles de religião cristã”. George Washington manifestou-se além do habitual para elogiar os muçulmanos em diversas ocasiões, e sugeriu que os receberia no Monte Vernon se eles estivessem dispostos a trabalhar. Benjamin Franklin argumentou que os muçulmanos deveriam ser capazes de pregar aos cristãos, se nós insistíssemos no direito de pregar para eles. Perto do fim de sua vida, ele se passou por um ensaísta muçulmano, para zombar da hipocrisia americana sobre a escravidão.

Se voltamos ao conflito em questão quando traçamos o desenvolvimento do esforço de se viver pacificamente em um contexto intercultural, no mundo comum de “Um Deus”, notamos que o Segundo Concílio do Vaticano realizado em princípios dos anos 1960 ao qual George F. McLean (Aydin 2002, 7), em seu prefácio de *Modern Western Christian theological understandings of Muslims since the Second Vatican Council*, faz referência que “Se o futuro do crescente intercâmbio global é ser pacífico ao invés de conflitivo, essa interpretação negativa mútua deve ser superada” e prescreve uma solução própria referindo-se ao historiador sobre religião, W. Cantwell Smith, que salienta essa nova situação e conclui que “A vida religiosa da humanidade a partir de agora, se é para ser vivida, deverá sê-la em um contexto de pluralismo religioso”.

Como o conflito começou? Fatos históricos

No longo passado histórico, o primeiro encontro do mundo inglês com o mundo islâmico otomano (ainda não turco nesta época) na Europa, data de 1396 durante a Batalha de Nicopolis/a Cruzada de Nicopolis. De acordo com Halil Halad (2013:749), o Duque de Lancaster enviou seu filho Bolingbroke acompanhado de 1000 guerreiros armados com lanças para combater contra

Bayazid. Após a derrota ele voltou para a Inglaterra em uma embarcação de Veneza e salvou sua vida.

Deste modo, com a ascensão crescente do poder militar e político do Império Otomano, os turcos começaram a ser vistos mais normalmente e periodicamente entre os ocidentais, e a curiosidade sobre o seu estilo cultural de vida aumentou. Entretanto, a forma como os muçulmanos, ou, melhor dizendo, como os turcos otomanos eram percebidos e apresentados durante este período, e como isso contribuiu para a criação desta imagem é a nossa preocupação. De acordo com Aksoy em seu prefácio para *Rönesans İngiltere-sinde Türkler* (2004, vii), “É menos provável que se tenha uma imagem turca holística no período da Renascença. Podemos dizer que esta imagem tem mudado proporcionalmente ao declínio e ascensão do Império Otomano. É um fato conhecido que para as audiências do período, cenas brutais eram um fator convidativo”⁵ (Aksoy 2004, 14).

As terras turcas se tornaram um foco de curiosidade para os europeus em relação aos costumes exóticos, às crenças e maneiras dos habitantes, e relatos salientavam a maldade, a malícia e a violência dos turcos que impressionavam e atraíam o público ocidental. Consequentemente, dramaturgos como Marlowe, Kyd e Shakespeare introduziram figuras turcas em suas obras, usando a história turca como fonte de material⁶.

Uma visão adicional sobre a criação da imagem turca é trazida por McJannet (2006, 3) em seu prefácio ao se referir à declaração de Matar “que na Inglaterra, como na Espanha, Portugal, França e Itália, ‘o estereótipo desenvolvido na literatura’ (especialmente a literatura dramática) e o discurso

5 Do original, “*tarihin çeşitli dönemlerinde Avrupa’nın Türklere karşı tutumu, Osmanlı’nın gücüne, kazandığı zaferlere bağlı değişmiş, Batı edebiyatında, tiyatrosunda Türk imgesi de aynı doğrultuda şekillenmiştir. Dolayısıyla Avrupa tarihinde ve coğrafyasında bütünsel bir Türk imgesinden söz etmek güçtür*”.

6 Do original, *Avrupa’nın sürekli olarak Türk tehdidiyle karşı karşıya kalması, Türk karakterine, Türk adetlerine karşı aşırı bir merak yarattığından, Türkleri doğal olarak, tiyatro sahnesine getirmiştir. Ayrıca, bu durum, esmer yüzü, yadırgatıcı Doğulu giyimi kuşamıyla etkileyici bir sahne dekoru oluşturulmasına da yarıyordu; Türk, hainliği ve zalimliğiyle tanındığından en kanlı sahneleri bile inandırıcı kılıyor, putperest inancıyla bir Hristiyan kahramanın karşısına konulduğunda da, Hristiyanlık’a övgüler düzen dini vaizler için fırsat yaratıyordu*

religioso ‘desempenharam o papel mais significativo de uma consciência nacional anti-muçulmana’”:

Documentos governamentais, testemunho de prisioneiros, e trocas comerciais mostram pequenos estereótipos raciais, sexuais ou morais dos muçulmanos... Foram peças de teatro, máscaras, desfiles e outras fontes similares que desenvolveram na cultura britânica o discurso sobre o Outro Muçulmano... Eleazar e Otelo [tornaram-se] a representação literária definitiva do “Mouro”, e Bajazeth, Thamore, e Amureth do “Turco”.

Entretanto, existem outras ideias de como esta imagem negativa foi criada e intensificada no ocidente. Robert Schwobel (1967, 10), por exemplo, declara em seu livro *The Shadow of the Crescent*, que a perda de “Constantinopla” e o medo posterior que os turcos atacariam a Europa e destruiriam a Cristandade, é o maior fator nesta criação da imagem turca.

Transformando o debate energético

Ao longo da história humana, as fundações das civilizações têm se fundamentado fortemente em suas fontes de energia (Willrich 1975). Energia desempenha um importante papel no desenvolvimento econômico de qualquer país. Securitizar o fornecimento de energia é uma prioridade nacional para países dependentes da importação de combustíveis. Na arena internacional, a energia como preocupação securitária foi um efeito posterior ao embargo do petróleo árabe de 1973. A escassez no abastecimento e o aumento de quatro vezes do preço do petróleo teve impactos duradouros no cenário econômico global. Os países ocidentais que eram largamente dependentes das importações vindas do Golfo Pérsico, perceberam que medidas políticas críticas precisavam ser tomadas para assegurar a segurança do aprovisionamento de petróleo.

Convencionalmente, o debate sobre segurança energética evoluiu em dois fluxos diferentes. O primeiro, a segurança energética como um objetivo político é aplicável tanto a uma economia produtora de energia como a uma economia dependente de importação de energia. Para o produtor de energia, o termo segurança energética é mais sobre encontrar demanda contínua para a energia que produz e fornece, e o melhor preço possível que pode obter no mercado de energia. No entanto, para o país que consome energia ou aqueles dependentes da importação de energia, a segurança energética é mais sobre garantir o fornecimento de energia adequada para apoiar as atividades eco-

nômicas domésticas. Apesar dessas diferenças, a segurança energética como conceito é mais frequentemente associada à procura de abastecimento de combustível por parte dos países dependentes da importação de energia, em vez da busca pela estabilidade do mercado para um produtor.

Segurança Energética é diferentemente definida por várias instituições e estudiosos. É definida como um estado em que um país pode garantir “a disponibilidade ininterrupta de fontes de energia a um preço acessível. A falta de segurança energética está, portanto, ligada aos impactos econômicos e sociais negativos da indisponibilidade física de energia, ou de preços que não são competitivos ou são excessivamente voláteis” (IEA 2014a). A AIE também considera a segurança energética como uma combinação de três fatores determinantes “Fornecimento Acessível/Competitivo”, “Fornecimento Confiável/Ininterrupto” e “Fornecimento Acessível/Disponível” (IEA 2014a).

O debate sobre segurança energética é também sobre a acessibilidade de diferentes tipos de recursos energéticos. Embora o mundo já tenha testemunhado uma mudança drástica no uso dos recursos energéticos nos últimos séculos, desde o combustível de madeira até o carvão, depois o petróleo e a energia nuclear, até as fontes de energia renováveis mais limpas, a distribuição de recursos energéticos nas diferentes regiões e sua exploração tecnicamente viável é notavelmente diferente. Hoje em dia, em muitos países, os combustíveis convencionais constituem a maioria da energia, enquanto fontes de energia não-convencionais (como hidratos de gás, gás de xisto, todas as outras fontes que são categorizadas como fontes alternativas, incluindo várias fontes de energia renováveis e reatores nucleares geração III ou geração IV avançados ou reatores pequenos e médios) constituem apenas uma parcela relativamente menor. Embora as fontes de energia convencionais sejam predominantemente intensivas em termos de emissões, os recursos energéticos não-convencionais são em grande parte fontes baixas de carbono ou dependem de tecnologias que são responsáveis pela menor emissão de gases de efeito estufa em comparação com as fontes convencionais [Combustíveis fósseis (petróleo ou carvão) ou queima de Biomassa Convencional (Madeira)].

Na medida em que o aumento da temperatura global em 2020 seja mantido abaixo do 20C, em comparação com o período pré-industrialização (UNFCCC 2015), medidas políticas drásticas que promovam fontes não convencionais são necessárias. O debate sobre o clima global deu lugar a uma mudança no padrão de consumo de energia entre os países de todo o mundo. A promoção de fontes de energia não-convencionais através do direcionamento de mais investimento em tecnologias de energia alternativa ou renovável comprovadas, e ajudando o mercado de energia não-convencional a crescer, ganhou prioridade política em ambas economias desenvolvidas e em

desenvolvimento.

No entanto, as economias em desenvolvimento e as economias emergentes, as quais se concentram em seu crescimento econômico, enfrentam sérios desafios ao tentar reduzir sua dependência de combustíveis convencionais. Para atingir o objetivo de redução de emissões e fortalecer o setor de energia alternativa, muitas das economias em desenvolvimento precisarão de suporte financeiro em tecnologia de larga escala por parte de países estrangeiros que possuam tecnologias avançadas. Enquanto países como a Índia e a China, entre o bloco em desenvolvimento na Ásia, fizeram uma incursão significativa no setor de energia alternativa, muitos dos seus homólogos regionais ainda estão muito atrasados em relação ao desenvolvimento de energia limpa. Sendo duas economias na região com uma participação crescente de fontes alternativas na matriz energética, a Índia e a China estão bem equipadas para desempenhar um papel fundamental no fortalecimento do setor de energia alternativa nas outras economias em desenvolvimento.

Peças de teatro retratando imagens negativas dos turcos

Agora sabemos que as personagens turcas foram frequentemente confundidas no passado com os mouros e árabes. Embora existissem minorias de nações árabes ou nações norte-africanas sob o domínio do Império Otomano, as mesmas basicamente eram tribos turcas unidas sob a bandeira do Império Otomano na Anatólia, Ásia Menor, que depois se disseminaram pela Europa. As principais peças, crônicas e relatos de viagem, para listar algumas, que retrataram negativamente figuras turcas foram: *The Shadow of the Crescent* (1967) de Robert Schwobel; *The Historie Of The Turkes* (1603) de Richard Knolles; *Orientalism* (1978) de Edward Said; *Volpone* (1605) de Ben Jonson; *The Turke* (1613) de Joseph Q. Adams; *'Tis Pity She's A Whore* (1625-1633) de John Ford; *Honest Whore* (1604) de Thomas Dekker; *Tamburlaine the Great* (1587) de Christopher Marlowe; *Turkish Mahomet and Hyrin the Fair Greek* (1594) de George Peele; *Osmond the Great Turk* (1638) de Lodowick Carlell; *Unhappy Fair Irene* (1658) de Gibert Swinhoe; o anônimo *Solymannidea Tragodia* (1581); *Mustapha* (1608) de Fulke Greville; *Soliman and Perseda* (1598-1599) de Thomas Kyd e *The Siege of Rhodes* (1656) de William Davenant. As imagens negativas dos turcos não resultaram de suas identidades étnica ou linguística, mas sobretudo de sua identidade religiosa uma vez que eles são representados como os “Outros”: os muçulmanos.

Outra ideia é introduzida por Bassnett (1993, 99) em seu *Comparative Literature: A Critical Introduction*. Em alusão a um mapa da Europa recente

que aparenta contradizer mapas anteriores ao incluir repúblicas turcas ou ex-soviéticas dentro Europa, ela critica “as mudanças na construção da imagem e da geografia, e considera que, além dos dramaturgos, os atores também construíram a imagem: ‘o cartógrafo, o tradutor e o escritor de viagens não são produtores de texto inocentes. As obras que eles criam são parte de um processo de manipulação que molda e condiciona nossas atitudes em relação a outras culturas enquanto pretendem ser algo mais’”. Alguns dramaturgos, por exemplo, usaram notas na margem das peças ou em apartes para criar um desprezo extra em relação aos turcos mesmo se eles não eram proferidos pelos atores e atrizes.

Então, quem eram os turcos dos quais eles tinham medo? Eram eles limitados aos turcos que eles encontravam na Europa, na Ásia Menor ou nas estepes da Ásia Central? Na sua tese concluída na Universidade de Warwick, Aydin (1994, 2) salienta a identidade única dos turcos ao se referir à Elenor Bisbee que:

Em todas as versões ocidentais da história dos turcos no contexto oriental, os turcos nunca foram separados das outras nações islâmicas do Oriente Médio, embora eles tenham origens geográficas completamente diferentes, com identidades culturais, tradicionais, e acima de tudo, linguísticas diferentes. Eles vieram para a Anatólia a partir da Ásia Central há nove mil anos atrás com sua linguagem Uralo-altaica distinta dos grupos de linguagem indo-europeia ou semítica.

Embora as últimas descobertas de cerca de 35 Kurgans no centro de Istambul possam comprovar muito certamente que os turcos podem não ter sido os invasores, mas sim os residentes de Istambul há 3500 anos, neste artigo estaremos limitados à crença popular de que os turcos vieram para a Ásia Menor por volta de 1071.⁷

As posições dos ocidentais não são claras sobre quem eles realmente foram. Turcos são frequentemente confundidos com árabes desde que os ocidentais entraram realmente em contato com os turcos otomanos e as nações turcas da Ásia Central, onde se originaram antes de o conflito ter começado. Podemos amplamente classificar suas visões em duas categorias amplas: inimigos incondicionais por conta de aspectos religiosos e políticos; outros, ambíguos e objetivos. Eram eles “voluptuosos capazes de crueldade monstruosa com cativos cristãos” como Erasmus representou em *De bello Turcico* (1530)

⁷ Ver também: Prof Erich Felgt Edward Augustos Freeman. “First natives to Europe were Turks and Hungarians. We killed them”. *Race and Language*, Part I. [Footnote 1: From “Historical Essays,” Third Series, 1879.]

ou como McJannet (2006, 176) coloca, eram: “Em última instância, um epíteto pejorativo associado aos otomanos nos séculos XVI e XVII que incluía ‘sangrentos’, ‘cruéis’ e ‘bárbaros’?”. Os turcos eram comparados com forças da natureza (redemoinhos ou enchentes) ou bestas (lobos, víboras, javalis) e retratados em termos bestiais tais como “descontrolados” ou “infestados”. Seu governo era descrito como “tirania” ou “despótico”. Podemos encontrar tais associações negativas mesmo em diários de viajantes. Um viajante alemão Dernschwam⁸ interpretou mal o significado do chamado diário das mesquitas para rezar e comenta que (em Çetin 2010, 22), “Na cidade de Edirne, o hodja dos turcos aparece quatro vezes por dia e grita sem sentido dizendo “Hey hey”. Eles não têm sequer músicas nem música” (Dernschwam 1987, 45). No entanto, ele não conhecia o simples fato que as mesquitas chamavam para rezar cinco vezes por dia naquela cultura. Outro exemplo, o mesmo escritor viajante dá informações falsas sobre a prática do jejum como parte de adorações em determinados dias. Ele observa, “A pobreza neste país os condena a permanecerem famintos, então eles precisam jejuar”.

Imagens positivas ditas por figuras históricas famosas

Eram eles “vilão, camponês rude, turco turbulento, não ancorado, cruel”? Certamente não. Ao lado dos ocidentais comuns, existiam muitas pessoas famosas que desaprovavam estas alcunhas tendenciosas. Uma das figuras marcantes é Pierre Loti (1950-1923) (Louis Marie-Julien Viaud). Entretanto, listaremos somente quatro das figuras historicamente famosas que definiram os turcos. Primeiro, podemos citar o rei da Suécia, Karl XII, que declarou, após a derrota em Poltava em 1709 e ao refugiar-se no Império Otomano, onde permaneceu por cinco anos:

Eu quase fui capturado em Poltava. Era a morte para mim, mas eu escapei. Em frente ao “rio Bug”, era ainda mais perigoso; na minha frente estava a água e atrás de mim, o inimigo como o sol escaldante nas colinas... A água quis me afogar e o Sol quis me queimar. Eu fugi. Mas hoje eu fui refém dos turcos. Nem mesmo ferro, água e fogo poderiam me escravizar, mas eles

8 [Tradução dos autores] (Dernschwam 1987:119). *Muslim Behaviours, Ceremonies and Religious Places According to the XVIth Century German Travellers* by Firdevs Çetin Vakıflar Dergisi Yıl: Aralık. 2010 - Sayı: 34. Ver também: http://www.themodernreligion.com/prophet/prophet_lastsermon.htm.13; e Jeremy Salt, *The Unmaking of the Middle East: A History of Western Disorder in Arab Lands* (Berkeley: University of California Press, 2008).

9 No original, “Edirne’de Türklerin hocası veya imamı günde dört defa çıkarak hu hu diye bağırıyor. Bir şeyler haykırıyor. Zaten onların başka bir şarkıları ve müzikleri dahi yok”.

poderiam. Não há corrente nos meus pés e eu não estou em uma masmorra. Eu faço o que quiser. Desta vez sou refém da compaixão, da nobreza e da bondade. Os turcos me amarraram usando essa corda de diamante. Se vocês soubessem como é doce viver como um escravo livre entre os turcos; Generoso, nobre e gentil.

Uma segunda figura a ser aqui destacada é Napoleão Bonaparte, general francês que disse: “Existem duas grandes virtudes que glorificam o ser humano. O homem sendo corajoso, a mulher sendo justa e honesta. Além destas duas, há uma virtude tanto para homens quanto para mulheres. Serem leais a sua casa e ao seu país e até mesmo dar a vida por isso. Os turcos são heróis ao possuírem essa virtude. Por causa disso, sempre podemos matar os turcos. Mas nunca podemos derrotá-los ”.

Terceiro, citamos William Martin “Entre todas as nações, as pessoas mais honradas e amigáveis são somente os turcos. Se você for a uma aldeia turca que não tenha estado sob influência estrangeira; você verá e aprenderá o que é de fato a verdadeira hospitalidade”. Por fim, o orientalista Alphonse de Lamartine pode ser lido dizendo: “Os turcos, como raça e nação, são os mais nobres e a melhor das nações. Eles são socialmente, religiosamente e eticamente admiráveis por pessoas imparciais”. Sua famosa declaração sobre o profeta Maomé também é considerável. Ele atribui grande importância ao seu serviço para a humanidade e diz: “Filósofo, orador, apóstolo, legislador, guerreiro, conquistador de ideias, restaurador de crenças racionais, de um culto sem imagens; o fundador de vinte impérios terrestres e de um império espiritual, isso é Maomé. Em relação a todos os padrões pelos quais a grandeza humana pode ser medida, podemos perguntar, se há algum homem maior do que ele

É claro que existem outros exemplos em que até os inimigos dos turcos tiveram que aceitar alguns fatos objetivamente nas peças da Inglaterra. Em alguns, por exemplo, os turcos foram retratados (McJannet, 2-3) como forças “enviadas por Deus para ensinar a Europa cristã sobre seus próprios pecados”. McJannet prossegue dizendo que há mudanças óbvias na percepção dos turcos no tempo e ela observa que no início do período moderno, no entanto, os otomanos eram vistos como mestres de um império sofisticado e habilmente administrado. Como Barbara e Charles Jelavich (em McJannet, 2) notaram:

A opinião negativa frequentemente mantida em relação à civilização otomana é geralmente baseada em julgamentos feitos nos séculos XVIII e XIX, quando o Estado estava em um período de declínio óbvio. Nos séculos XV e XVI, no entanto, as instituições otomanas podem ter oferecido aos

cristãos dos Bálcãs uma vida melhor do que a anterior.

Embora haja um número incontável de associações negativas sobre os turcos, por que, então, há também muitos comentários positivos sobre a natureza e a cultura dos turcos? Um bom exemplo é fornecido através da boca de um embaixador de Veneza no Cairo, que escreve, em seus relatos, (McJannet, 46) “... que ele nunca encontrou homem digno de ser comparado a Selimus pela justiça, humanidade, vigor e outras virtudes morais: ele passava bem e era aberto a toda civilidade”. Outro exemplo positivo sobre a maneira dos turcos é visto em *The order of the greate Turckes Courte*, de Richard Grafton (Londres, 1542), uma tradução de *L'État de la cour du gran Turc*, de Antoine Geuffroy, na qual “os turcos o fascinaram por seus cuidados com a limpeza pessoal (tanto como um prelúdio para a oração quanto depois de “toda purgação da natureza”). Será significativo notar aqui que, como aponta Hisar (2012), “durante aqueles dias, a Inglaterra não tinha banheiros internos em suas casas. Eles usavam um penico debaixo da cama à noite e jogavam seus conteúdos em direção às ruas”.

Historiadores da época não apenas elogiavam os turcos por sua higiene, mas também “admiravam os otomanos pela unidade, excelência marcial e justiça estrita, qualidades que às vezes sentiam falta em suas próprias sociedades”. Quase uma década antes das relações diplomáticas formais terem sido estabelecidas com a Inglaterra em 1581, Elizabeth I se correspondeu com Murad III dirigindo-se a ele, “O Grande Turco”. McJannet (63) conclui que, conseqüentemente, com o crescente interesse pelos turcos e sua cultura, “essas histórias dos turcos, traduzidas ou escritas em inglês entre 1542 e 1600, sugerem que os cristãos europeus eram fascinados pelos otomanos e consideravam importante estudar sua história e costumes”. Marlowe imaginou um sultão que partiu suposto estereótipo do turco furioso e encarnou o espírito (se não a erudição) das próprias crônicas dos turcos. Sua peça sugere que o drama do início do período moderno poderia estabelecer um diálogo imaginativo com os otomanos e o oriente muçulmano de maneiras que nem mesmo as histórias mais romanticizadas poderiam ter.

A teoria de Huntington desafiada

Quase todos acreditamos que não adianta culpar um ao outro, acusando um ao outro pelo que fizeram de errado até agora. Em vez disso, podemos nos concentrar em quais contribuições podemos fazer para a paz futura do mundo. Depois de tantos anos da teoria de Huntington sobre “Conflito de Culturas”, vários eruditos expuseram ideias contra a teoria na esperança de

que seu equívoco possa ser provado, em prol da paz e do entendimento entre religiões e culturas. Vamos nos referir a alguns deles. Primeiro, podemos citar uma fonte para fundamentar nossas ideias desde a própria essência do Islã, o último sermão de Maomé (Sermão da Despedida), segundo Hadith, relatado em Musnad Ahmad ibn Hanbal (632 dC): “Um árabe não tem superioridade a um não-árabe, nem um não-árabe tem alguma superioridade sobre um árabe; também uma pessoa negra não tem superioridade sobre uma pessoa branca, nem uma pessoa branca tem qualquer superioridade sobre uma pessoa negra, exceto pela piedade e boa ação. De fato, o melhor entre vocês é aquele com o melhor caráter...”⁵. Todos os muçulmanos devem aceitar essas palavras se forem verdadeiros crentes. Além disso, o Último Sermão de Maomé é como a Declaração Universal dos Direitos Humanos, um marco de ensino para os muçulmanos, ao qual devem seguir em conformidade.

Outro estudioso, Murshed (2013, 22) da Universidade Erasmus, Países Baixos, aborda as várias faces do Islã assim como da Cristandade e afirma: “Assim, é imaginável que um indivíduo seja simultaneamente um muçulmano, um cidadão ocidental, que acredite na democracia, bem como alguém que respeita a diferença e os direitos humanos. Além disso, a cultura não é imutável; ela evolui ao longo do tempo e muda à medida que as condições materiais se alteram”. Assim, o discurso de “Eles nos odeiam” de Trump não pode ser aceito e considerado o discurso de todas as nações islâmicas. Vários países islâmicos desfrutaram de uma democracia secular e relativamente adequada, como a Turquia. Da mesma maneira, em uma entrevista conduzida por J. Paul Barker (2013, 44), Arshin Adib-Moghaddam se opõe à teoria de Huntington afirmando que:

Cheguei à conclusão de que Huntington apresentou uma teoria do conflito alimentada por uma boa dose de ignorância não acadêmica de outras culturas. A tese de Huntington é enganosamente simples. Eu estava cada vez mais convencido de que o choque de civilizações é uma das teorias mais imprecisas já inventadas. Huntington não foi instruído sobre a história do Islã. Em seus escritos, ele rotineiramente confundia ser árabe com ser muçulmano, e vice-versa.

Outro grupo de acadêmicos pós-modernos que podemos chamar de “Os Novos Orientalistas”, como Nietzsche e Foucault, têm observações lógicas sobre as falácias do cristianismo na medida em que, às vezes, expressaram seu desagrado e assim sentiram simpatia pelo Islã por várias razões. Quais são as conclusões que podemos extrair de seus comentários positivos sobre o Islã e, naturalmente, sobre os turcos, que têm sido fortes representantes do Islã há séculos? Eles são alguns dos pioneiros que abriram

caminhos para um diálogo intercultural/inter-religioso. Quer o chamemos de diálogo “entre civilizações” ou “entre Oriente e Ocidente, entre Maomé e Cristo, é certo que entramos numa era de pluralismo através de mídias sociais como Facebook, Instagram e Twitter com número crescente de trocas, até mesmo desafios entre as partes envolvidas. Ian Almond (2007, 3) comenta esse progresso que:

Apesar da ampla diversidade de abordagens críticas, um certo padrão ditou as respostas muçulmanas ao pós-moderno: um reconhecimento às vezes livre e às vezes relutante de que o pensamento pós-moderno pode ajudar o Islã em seu incentivo ao pluralismo e desafio à hegemonia europeia (e em particular em sua desconstrução dos nacionalismos seculares), acompanhados por algumas reservas distintas de graus variados com relação ao preço que os muçulmanos podem ter que pagar por essa assistência pós-moderna na perda da centralidade ocidental.

Essas visões e mudanças globais resolverão o conflito e ajudarão a melhorar o entendimento entre as civilizações? Porém, permanecem dúvidas de ambos os lados. Começando com o estabelecimento do Grupo de Oração Badaliya no Cairo em 1934 e o Segundo Concílio do Vaticano, esta missão de diálogo continuou na Turquia quando o pastor Thomas Michael visitou e proferiu seminários em algumas Faculdades de Teologia em 1987, tentando espalhar as sementes desta missão. No entanto, no lado muçulmano na Turquia, a tempo, surgiram fortes objeções à noção de “diálogo”, uma vez que representa um “monólogo” sobre os muçulmanos dentro do contexto cristão. A antiga e estimada liderança, durante os anos 1990 e 2000, para o diálogo inter-religioso, era o turco Fethullah Gülen, que mais tarde foi acusado por terrorismo e por supostamente conspirar para derrubar o governo turco democrático em 15 de julho de 2016. Suas atividades também foram chamadas de “Estado paralelo” e ele foi colocado na lista vermelha mais procurada da Interpol pelo Governo Turco. Esta tentativa de golpe de 15 de julho é tão importante para a Turquia quanto o 11 de Setembro para os EUA. Durante os conturbados anos anteriores e depois da fracassada tentativa de golpe na Turquia, outros grupos terroristas como o PKK, o YPG e o ISIS no Iraque e na Síria foram criados pelo Ocidente, causando uma nova ameaça à frágil paz regional. Consequentemente, a Turquia teve que lançar a *Operation Olive Branch* no norte da Síria para limpar a região de terroristas apoiados pelos EUA e restaurar a ordem ao longo de sua fronteira. Na região, estes eventos levaram o presidente turco Erdogan ao definir estes assuntos terroristas como “colaboradores de uma cruzada pós-moderna a que nossa região está exposta”, assim como o presidente Bush chamou de “Cruzada” o 11 de Setembro. É anacrônico observar as

autoridades americanas declarando que apoiam um grupo terrorista contra o outro, o YPG contra o ISIS, ao invés de apoiar a Turquia, uma de suas melhores aliadas. À luz destes fatos, um dos principais opositores do “diálogo inter-religioso”, incluindo Mehmet Oruc, Mehmet Bayrakdar (2007, 290), observa que os defensores de Fethullah Gulen¹⁰ e ele próprio pioneiro de uma visão do Islã sem o Profeta Maomé”, e a missão de diálogo à qual Gulen quer servir transmitem uma encíclica a todas as igrejas intitulada “Redemptoris Misso”¹¹ (<http://w2.vatican.va>, 1990, 38), em que João Paulo II define os propósitos desta missão:

O diálogo inter-religioso faz parte da missão evangelizadora da Igreja. Entendido como método e meio de conhecimento e enriquecimento recíprocos, o diálogo não se opõe à missão ad gentes; na verdade, tem ligações especiais com essa missão e é uma das suas expressões. Esta missão, de fato, é dirigida àqueles que não conhecem a Cristo e seu Evangelho, e que pertencem em sua maior parte a outras religiões.

Este objetivo final do Papa é suficientemente alarmante para um muçulmano que está preso à sua religião e seu profeta, porque ser um muçulmano é essencialmente é dirigir-se a Deus e a Maomé na mesma frase; “Não existe deus, além de Deus. Maomé é o mensageiro de Deus”¹². Muitos estudiosos acreditam que aqueles que estão no diálogo inter-religioso tentaram alterar os princípios básicos da fé islâmica. Em uma declaração semelhante, Mehmet Oruç (2013, 7) afirma que “o diálogo e a tolerância introduzidos recentemente são tratados em outro sentido. Em vez de ‘tolerância’, visa reunir três religiões em um determinado eixo, de modo a uni-las em um todo, o que é totalmente o oposto do que o Islã disse aos seus crentes; “O Islã é a última religião e Maomé é o último Profeta”. Como o processo continuará à luz desses fatos acima mencionados permanece sem resposta, embora haja algumas prescrições de boa vontade.

¹⁰ Fethullah Gulen foi incluído em uma lista de alerta da Interpol, por, supostamente, ter conspirado para derrubar o governo da Turquia por meio de atividades de um “Estado paralelo” contra o governo legalmente eleito. Acredita-se que ele tenha sido manipulado pela CIA para organizar o golpe de 15 de Julho de 2016 que fracassou na Turquia.

¹¹ Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Redemptoris_misio.

¹² Esta sentença, a forma mais curta da Declaração Islâmica de fé, ou testemunho (*shahādah*) significa: “Não existe divindade (Deus, *ilāh* em árabe) mas Somente Um Único Deus (*Allāh* em árabe); ninguém, além somente de Deus (*Allāh*) deve ser venerado. – Maomé é o mensageiro de Deus (para a humanidade).” Às vezes, esta fórmula é chamada de *kalima* (literalmente “palavra”) ou *kalimat at-tauhīd* (“a palavra da confissão da unicidade de Deus); *kelime-i tevhid* em turco.

Uma das mais importantes sugestões do lado turco para restaurar a paz entre as partes vem de Mahmut Aydın (2002, 13), que afirma que “esse pano de fundo islâmico da Turquia é uma vantagem, já que a mentalidade islâmica turca poderia ser um meio para a paz entre muçulmanos e outros, ao aceitar a Turquia na União Europeia, o Ocidente cristão pode mostrar sua própria sinceridade sobre entrar em diálogo com os muçulmanos e mostrar aos muçulmanos que a União Europeia não é necessariamente um Clube Cristão”. O artigo 10 da Constituição Turca está em conformidade com os valores ocidentais. Ele escreve: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de idioma, raça, cor, sexo, opinião política, crença filosófica, religião e seita, ou qualquer outro motivo”.

Do ponto de vista sócio-político, a Turquia é um parceiro futuro insubstituível tanto para a Europa como para os EUA. O último relatório publicado pela Comissão Europeia (2017, 13) afirma que, no âmbito das negociações de adesão, foram abertos até agora 16 capítulos e conclui que, para assegurar a implementação plena e sustentada da Declaração UE-Turquia, é necessário esforços contínuos e determinação política de todos os lados. A UE e os EUA parecem não ter consciência do fato de que a Turquia protege as fronteiras da OTAN e da Europa contra ataques terroristas e fluxos de refugiados na União.

Conclusões

Sobre o status atual da Turquia, deve-se, em primeiro lugar, sempre ter em mente que, sendo a Turquia secular e moderna, suas contribuições para o futuro processo de paz mundial, de qualquer maneira a ser chamado, é globalmente vital. Apenas para lembrar quão importante é a Turquia como representante dos muçulmanos, é que após a Primeira Guerra Mundial, Mustafa Kemal Atatürk aboliu o Califado em 3 de março de 1924 enquanto, ainda hoje, o Papa e algumas outras monarquias ocidentais, como a rainha Elizabeth, o rei da Espanha, etc. aproveitam seus títulos. Os muçulmanos reconheceram e tiveram fé em todos os profetas, incluindo Jesus Cristo, desde o princípio. No entanto, os cristãos, “pela primeira vez na história do cristianismo, no Concílio do Vaticano, as religiões não-cristãs foram oficialmente consideradas como entidades que os cristãos devem respeitar e procurar descobrir”. No passado, muitos consideravam Maomé como terrorista ou até mesmo o acusavam de criar uma seita do cristianismo. “Na Europa Ocidental, até o século XIII, os cristãos tinham uma crença equivocada de que Maomé tinha sido um cristão herético ou que ele era um deus adorado pelos muçulmanos. Algu-

mas obras da literatura medieval europeia se referiam aos muçulmanos como “pagãos” ou por alcunhas como o “inimigo do paynim” (inimigo). Minha declaração pessoal sobre o conflito desde o início é que tudo é “*raison d’etat*”. Não podemos reduzir a questão à “expansão” dos muçulmanos turcos, uma vez que há opiniões anteriormente declaradas de que eles eram os primeiros colonizadores da Europa, juntamente com os húngaros. Em segundo lugar, muitos estudiosos observam que também há polarização na Turquia entre as partes, Laicistas e islamistas, em direção à modernidade, e não é fácil resolvê-la mesmo dentro da Turquia. Portanto, indicar qual partido irá representar, no futuro, a Turquia no diálogo inter-religioso não está claro. Em seu estudo, Çarkoglu e Toprak (2007, 104) concluem que “a Turquia parece abrigar duas sociedades amplamente divergentes que estão claramente separadas umas das outras”.

De um lado estão as pessoas urbanas, mais bem educadas, com um nível de renda relativamente alto, que não se sentem extremamente comprometidas com valores religiosos e que se definem como seculares; e do outro lado estão pessoas de baixa escolaridade, rurais, com um nível de renda relativamente baixo e que se definem como islamitas e religiosas”. Ambas as partes se ressentem diante da visão de que a Turquia não pertence e não merece ser um membro da União Europeia. Como as visões de Huntington e outras visões pessimistas de que há um longo caminho para cristãos e muçulmanos entenderem uns aos outros, Çoban (2008, p. 106), em seu estudo de dois missionários E. M. Wherry e Ron Peck sobre o Islã, observa a mesma realidade que “viver juntos é um sonho”. Deve-se notar que mesmo cem anos desde estes dois missionários, a questão ainda está presente. Ao invés de adotar um ponto de vista pessimista, deveríamos, como Çatalba e Çetinkaya (6) sugerir que “o diálogo cristão-muçulmano deveria ser organizado por instituições oficiais na Turquia e praticado por especialistas que conhecem muito bem o cristianismo”. No entanto, à beira do novo milênio, novos atores como os EUA estão empurrando o assunto para um aspecto mais sombrio, definindo a si mesmos como uma espécie de Deus tomador de decisão

Sobre esta nova ameaça, Falk (2004, 219) observa que “(...) remover a ameaça do fascismo global não descartaria inteiramente a existência de um império americano. Ainda haveria os defensores do império benevolente e as possibilidades estruturais de reviver uma abordagem economicista da globalização como existia nos anos 90” e, assim, ele chega à “infeliz conclusão de que o perigo que nós e o mundo enfrentamos é a possibilidade distinta que a política externa americana, como agora praticada, e na medida em que for bem-sucedida, resultará em uma forma de ordem mundial melhor descrita como “fascismo global” (2000, 260). À medida que aumenta o bem-estar

do povo turco, a lacuna entre a religião e a política será fechada e encontrar a solução dos problemas entre as estruturas sociais se tornará mais fácil. Eu tomarei o ponto de vista de Aydın ao encerrarmos nosso artigo: “em vez de fazer afirmações dogmáticas sobre nossa fé, precisamos provar sua qualidade na prática”.

REFERÊNCIAS

- Aksoy, Nazan. 2004. *Rönesansİngilteresinde Türkler. İstanbul: Çağdaş Yayınları.*
- Almond, Ian. 2007. *The New Orientalists: Postmodern Representations of Islam from Foucault to Baudrillard*. I.B.Tauris & Co. Ltd.
- Aydın, Kamil. 1994. (Atatürk University, Erzurum). *Turkey as Represented in English Literature of the time*. Ph.D. thesis completed at University of Warwick.
- Aydın, Mahmut. 2002. *Modern Western Christian theological understandings of Muslims since the Second Vatican Council. Cultural Heritage and Contemporary Change*. The Council for Research in Values and Philosophy. Series IIA, Islamic Philosophical Studies, Volume 13. Washington, D.C.
- Barker, J. P. 2013. *The Clash of Civilizations Twenty Years On*. Bristol: E-International Relations Edited Collections. pp.43-51.
- Bassnett, Susan. 1993. *Comparative Literature: A Critical Introduction*. Oxford: Blackwell.
- Bayrakdar, Mehmed 2007. *Dinler Arası Diyalog ve Başkalaştırılan İslam. The Interreligious Dialogue and Islam Metamorphosing*. Journal of Islamic Research, 20.
- Çarkoğlu, Ali and Binnaz Toprak. 2007. *RELIGION, SOCIETY AND POLITICS IN A CHANGING TURKEY. TESEV PUBLICATIONS*: Turkish Economic and Social Studies Foundation Democratization Program. Translated from Turkish by Çiğdem Aksoy Fromm. Edited by Jenny Sanders. Sena Ofset. İstanbul.
- Çatalbaş, Resul and Kenan Çetinkaya. 2015. Interreligious dialogue in the views of Turkish historians of religions. *Teologiese Studies/Theological Studies* 71, 3. <https://doi.org/10.4102/hts.v71i3.2896>.
- Çetin, Firdevs. 2010. XVI. *Asır Alman Seyyahlarına Göre Osmanlı Toplumu. (Müslüman Davranış ve Törenleri ile Dini Mekânlar)*. Mus-

- lim Behaviours, Ceremonies and Religious Places. According to the XVIth Century German Travellers.* Vakıflar Dergisi. Yıl: Aralık 2010. Sayı 34. Sayfa: 19-34
- Çoban, Bekir Zahir 2008. *TÜRKLERİN DİNİ'NDEN HİLALİN GÖLGESİ'NE VEYA KİBİRDEN KORKUYA: 1896 VE 1995 AMERİKA'SINDAN İKİ FARKLI İSLAM ALGISI.* DEÜİFD, XXVII/2008, 91-106.
- Dernschwam, H. 1987. *İstanbul ve Anadolu'ya Seyahat Günlüğü.* çev. Yasar Önen, Ankara: Kültür ve Turizm Bakanlığı Yayınları.
- European Commission. 2017. *REPORT FROM THE COMMISSION TO THE EUROPEAN PARLIAMENT, THE EUROPEAN COUNCIL AND THE COUNCIL Seventh Report on the Progress made in the implementation of the EU-Turkey Statement, Brussels, 6.9.2017 COM(2017) 470 final.*
- Falk, Richard A. 2000. *Predatory Globalization: A Critique* (Cambridge: Polity, 2000); also Michael Hardt and Antonio Negri, *Empire* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press).
- Falk, Richard A. 2004. *The declining world order : America's imperial geopolitics.* Taylor and Francis Books, Inc. Routledge. New York, NY.
- Halid, Halil. 2013. *Journal of History School (JOHS)* XVI, 6, 749-75. Reporting: Mustafa MALHUT.
- McJannet, Linda. 2006. *The Sultan Speaks: Dialogue in English plays and histories about the Ottoman Turks.* Palgrave MacMillan. New York.
- Murshed, S. M. 2013. *The Crescent and the Cross.* In *The Clash of Civilizations Twenty Years On*, edited by J. Paul Barker, 20-27. Bristol: E-International Relations. Edited Collections.
- Oruç, Mehmet. 2003. *DİNLERARASI DİYALOG TUZAGIĞI ve Dinde Reform.* Arı Sanat Yayınevi. İstanbul.
- Özakıncı, Cengiz. "Tarih Tezleri Çarpışıyor: AVRUPALI'LARIN ATALARI TÜRK'TÜR" (Mart, 2002): 67-92. *Otopsi.* Bütün Dünya 2000. Başkent Üniversitesi Kültür Yayını. Ankara.
- Peck, Ron. 1995. *The Shadow of the Crescent. The Growth of Islam in the United States.* CMM. Springfield, MO.
- Said, W. Edward. 1977. *Orientalism.* Harmondsworth: Penguin Books. In Christopher Marlowe (1969; 1980).
- Schweigger, S. 2004. *Sultanlar Kentine Yolculuk 1578-1581,* çev. S. Türkis Noyan, İstanbul: Kitap Yayınevi.
- Schwoebel, Robert. 1967. *The Shadow of the Crescent: The Renaissance Image of the Turk (1453-1517).* New York: St. Martin's Press.

Şenlen, Sıla, 2006. *"Ottoman Sultans in English Drama Between 1580-1660"*, OTAM.19. Ankara: Ankara Basımevi, 399-405.

Widmer, Ted. 2010. *The Founding Fathers Weren't Anti-Islam*. <http://washingtonsblog.com/2010/09/the-founding-fathers-werent-anti-islam.html>. Accessed on: December 22, 2017.

RESUMO

Ao longo da história tem havido forças opostas, uma das quais é o conflito entre "Ocidente e Oriente", como Huntington afirma. Uma das mais antigas e importantes competições, nessa questão, foi a do Império Otomano, representando o islamismo e os países europeus, seguidores do cristianismo. Essas forças têm se chocado na forma de vários meios e, por razões, predominam umas as outras, se conseguirem alcançá-la. Como esse "choque" começou entre civilizações e qual é o status atual entre a Turquia e os países ocidentais? Este estudo tem como objetivo destacar o fundo de um ponto de vista histórico, começando com a captura de Jerusalém por turcos otomanos e como a imagem turca é criada e retratada no Early English Plays em relação à ascensão e queda do Império Otomano, conforme descrito no *The Sultan Speaks*, por Linda McJannet. Desde que o núcleo do Império Otomano é a Turquia moderna hoje, as recentes mudanças em sua imagem no caminho para a adesão plena à UE, bem como para "diálogo inter-religioso/intercultural" em uma tentativa de trazer a paz a ambas as partes em questão por um futuro sustentável e amigável. Conclui-se que ainda há preocupações entre os signatários globais. Levará um pouco mais de tempo e esforço para amadurecer o pensamento de que eles poderiam viver harmoniosamente desenvolvendo seus países economicamente e suas democracias para um entendimento mútuo.

PALAVRAS-CHAVE

Imagem turca, Primeiros Modernos, Império Otomano, Islã, Turcos.

Recebido em 19 de maio de 2018.

Aceito em 04 de julho de 2018.

Traduzido por Douglas de Quadros Rocha